

# Fé e Cidadania



Use o QRCode para acessar o Caderno Fé e Cidadania na internet, com mais artigos e links citados.

## O sentido do trabalho

Francisco Borba  
Ribeiro Neto\*

*Diante dos novos desafios tecnológicos, demográficos e culturais de nossa sociedade, nossas reflexões para o Dia do Trabalhador se voltam para o sentido do trabalho... Apesar das imposições e condicionamentos, será possível uma experiência que torne o trabalho cada vez mais humano, uma experiência que ilumine quais caminhos seguir para a construção de um futuro sempre mais justo e fraterno?*

O mundo do trabalho está mudando e nós contemplamos, entre estarecidos e maravilhados, os impactos dessas mudanças em nossas vidas. Sem dúvida, na vida pessoal, os desafios parecem ser maiores do que as facilidades. Os aumentos de produtividade, as diversões e os confortos trazidos pelas novas tecnologias convivem com o envelhecimento da população, a redução dos postos de trabalho, as desigualdades cada vez mais difíceis de serem superadas... Curiosamente, ou dramaticamente, ao mesmo tempo que parecemos caminhar para um futuro cada vez mais brilhante, parecemos caminhar também para um futuro cada vez mais ameaçador para cada trabalhador e para cada família.

O fato é que, para aqueles que conseguem se integrar ao fluxo do progresso material e dos avanços tecnológicos, o futuro será realmente cada vez mais promissor. Mas, para aqueles postos à margem, para os deslocados e sem condições de entrar nesse fluxo, o futuro não parece tão promissor assim... Em livros e filmes, muitas distopias futuristas mostram, até visualmente, esse mundo de contrastes: nos céus, em arranha-céus gigantes ou cidades suspensas, os afortunados, bem integrados ao sistema; nos solos, em prédios descaídos, os excluídos pelo sistema, que até podem desfrutar de muitos confortos da sociedade tecnológica (afinal, a economia precisa do consumo também desses), mas estão privados do protagonismo e da possi-

bilidade de realização reservada “aos de cima”.

Diante da ameaça do desemprego e da persistência do fenômeno da pobreza, as sociedades vão se dando conta da necessidade dos chamados programas de renda mínima, que garantem o sustento daqueles que estão à margem da sociedade, independentemente de suas atividades laborais. Mas, como lembra o Papa Francisco, os programas assistenciais podem e devem ser vistos como alternativa emergencial, mas só o trabalho digno pode responder de forma humana aos problemas sociais e ao desejo de realização da pessoa humana (cf. *Fratelli tutti*, FT 162).

Ao mesmo tempo, aqueles que estão bem empregados, com rendas satisfatórias, são cada vez mais pressionados a manter alto desempenho num mundo do trabalho cada vez mais competitivo. O *home office*, frequentemente pensado como uma condição laboral mais confortável, termina por romper os limites entre trabalho e repouso, invade a vida familiar e torna o trabalhador cada vez mais preso à sua atividade profissional.

Nesse amplo contexto atual, pensar o sentido do trabalho se torna cada vez mais vital. O “sentido subjetivo do trabalho”, tão bem apresentado por São João Paulo II, na *Laborem exercens*,



Arte: Sergio Ricciuti Conte

precisa ser retomado, compreendido não apenas como reflexão filosófica ideal, mas como critério de compreensão e orientação das práticas sociopolíticas na construção de um mundo do

trabalho mais humano e de uma sociedade mais justa.

\* Sociólogo, biólogo e editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania de “O SÃO PAULO”.

## CdO, uma amizade operativa

A Companhia das Obras (CdO), que gentilmente cedeu para a confecção deste Caderno os textos referentes a algumas palestras proferidas em seu 11º Fórum Nacional no Brasil, é uma associação presente em vários países, que tem por objetivo ajudar empresários, organizações sem fins lucrativos, gestores e profissionais a desenvolver empresas e atividades profissionais para o bem comum.

A associação, originada a partir do movimento católico Comunhão e Libertação, mantém sua referência ideal nos ensinamentos da Doutrina Social da Igreja. Congrega tanto profissionais e empresas com fins lucrativos quanto organizações sociais do Terceiro Setor, a partir da convicção de que todas essas realidades têm sua responsabilidade perante a construção do bem comum

e podem se ajudar mutuamente para alcançar seus objetivos. Procura criar, entre seus membros, uma “amizade operativa”, pela qual aqueles que se percebem movidos por um desejo de enfrentar os desafios culturais, socioeconômicos e profissionais numa perspectiva completamente humana e com ferramentas inovadoras podem se encontrar e construir um caminho juntos.



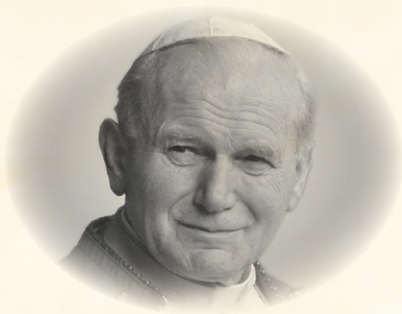
**Serviço**  
Maiores informações sobre a CdO Brasil podem ser encontradas em seu site <https://www.cdo.org.br/> e pelo e-mail [contato@cdo.org.br](mailto:contato@cdo.org.br).

# O trabalho é para a pessoa, não o contrário

É mediante o trabalho que o ser humano deve procurar o pão cotidiano, contribuir para o progresso contínuo das ciências e da técnica, e sobretudo para a incessante elevação cultural e moral da sociedade, na qual vive em comunidade com os próprios irmãos. E com a palavra trabalho é indicada toda a atividade realizada por ele, tanto manual quanto intelectual, independentemente das suas características e das circunstâncias [...] O trabalho comporta em si uma marca particular do ser humano e da humanidade: a marca de uma pessoa que opera numa comunidade de pessoas; e uma tal marca determina a qualificação interior do mesmo trabalho e, em certo sentido, constitui a sua própria natureza (SÃO JOÃO PAULO II, *Laborem exercens*, Apresentação)

É como pessoa, pois, que o homem é sujeito do trabalho. É como pessoa que ele trabalha e realiza diversas ações que fazem parte do processo do trabalho; estas, independentemente do seu conteúdo objetivo, devem servir todas para a realização da sua humanidade e para o cumprimento da vocação a ser pessoa, que lhe é própria em razão da sua mesma humanidade [...] Embora seja verdade que a pessoa

*O ser humano se realiza pelo trabalho. Ainda que comporte a fadiga cotidiana e sirva ao nosso sustento, o trabalho nunca poderá ser corretamente vivido sem sua função subjetiva de realização da nossa humanidade.*



está destinada e é chamada ao trabalho, contudo, antes de mais nada o trabalho é “para a pessoa” e não a pessoa “para o trabalho”. E por esta conclusão se chega a reconhecer justamente a preeminência do significado subjetivo do trabalho sobre o seu significado objetivo. Partindo deste modo de entender as coisas e supondo que diversos trabalhos podem ter um maior ou menor valor objetivo, procuramos, todavia, pôr em evidência que cada trabalho se mede sobretudo pela dignidade do sujeito do trabalho, isto é, da pessoa que o executa (SÃO JOÃO PAULO II, *Laborem exercens*, LE 6)



Não se fala apenas de garantir a comida ou um decoroso “sustento” para todos, mas prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos. Isto engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida. O salário justo permite o acesso adequado aos outros bens que estão destinados ao uso comum (FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, EG 192)

A grande questão é o trabalho. Ser verdadeiramente popular – por-

que promove o bem do povo – é garantir a todos a possibilidade de fazer germinar as sementes que Deus colocou em cada um, as suas capacidades, a sua iniciativa, as suas forças. Esta é a melhor ajuda para um pobre, o melhor caminho para uma existência digna. Por isso, insisto que ajudar os pobres com o dinheiro deve sempre ser um remédio provisório para enfrentar emergências. O verdadeiro objetivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna por meio do trabalho. Por mais que mudem os sistemas de produção, a política não pode renunciar ao objetivo de conseguir que a organização de uma sociedade assegure a cada pessoa uma maneira de contribuir com as suas capacidades e o seu esforço. Com efeito, não há pobreza pior do que aquela que priva do trabalho e da dignidade do trabalho. Numa sociedade realmente desenvolvida, o trabalho é uma dimensão essencial da vida social porque não é só um modo de ganhar o pão, mas também um meio para o crescimento pessoal, para estabelecer relações sadias, expressar-se a si próprio, partilhar dons, sentir-se responsável no desenvolvimento do mundo e, finalmente, viver como povo (FRANCISCO, *Fratelli tutti*, FT 162)

## O desafio de ressignificar o trabalho em nossos tempos\*

Francesco Seghezzi\*\*

Todos sabemos que o trabalho está mudando profundamente. Muitas vezes, as análises focam o impacto da tecnologia, deixando em segundo plano outras macrotendências que podem ser até mais disruptivas. Um exemplo é o declínio demográfico e o crescente envelhecimento populacional que caracteriza os países ocidentais, observado há pelo menos trinta anos. É uma tendência que parece irreversível, da qual, nos últimos anos, se manifestam as primeiras consequências.

Um outro exemplo é mais difícil de quantificar, em torno do qual as narrativas, supostamente edificantes ou demolidoras, tornam difícil traçar limites claros. Alguns o reduzem ao crescimento observado nas demissões, particularmente na Europa e nos Estados Unidos, ou melhor, à rotatividade de trabalhadores nas empresas. Outros observam mudanças de atitude, falando em *quite quitting* (demissão silenciosa), para identificar o fenômeno que levaria o trabalhador, por um conjunto variado de causas, a reduzir seu trabalho ao mínimo de modo a cumprir apenas com o que está previsto nas tarefas contratuais,

*Numa sociedade em rápida mudança, os desafios do mundo do trabalho não se referem apenas à justa remuneração e a condições laborais adequadas. Cada vez mais, as pessoas se perguntam qual é o sentido do trabalho em suas vidas.*

sem qualquer envolvimento adicional. Outros ainda focam em uma atenção reavivada, também impulsionada pela grande mudança de prioridades e hábitos trazida pela COVID-19, para a vida privada, vista em contraste com o trabalho. No geral, sem querer reduzir a aspectos específicos que nada mais são do que manifestações sintomáticas de um diagnóstico mais complexo, podemos falar de uma crise no sentido do trabalho contemporâneo.

A combinação desses fenômenos é disruptiva. Por um lado, teremos (e temos) cada vez menos trabalhadores, devido às alterações demográficas, e, por outro lado, é cada vez mais complexo envolver e motivar os poucos que lá estão. Dentro desse duplo movimento, está em jogo o futuro do mundo laboral. Aqui se reúnem, com um novo olhar e uma perspectiva diferente do passado, todas as questões

relacionadas à conciliação da vida e do trabalho, entendidas não apenas como pequenas medidas organizacionais, mas como uma perspectiva holística de sustentabilidade. Desse ponto de vista, a reflexão, por exemplo, sobre o *home office* não pode se limitar à mera execução da atividade de trabalho de um lugar para outro, mas uma oportunidade de repensar, acima de tudo, os tempos de trabalho, a relevância ou não do trabalho-hora como único parâmetro organizacional e de construção salarial.

As pessoas pedem autonomia e modelos organizacionais mais flexíveis e estão dispostas a serem avaliadas, principalmente os jovens, sobre os resultados que trazem, pedindo que esses resultados não sejam parametrizados apenas para o número de horas trabalhadas, mas para os objetivos alcançados. Por esse motivo, as

empresas hoje têm a prioridade de ouvir seus colaboradores, é preciso parar e entender em que direção o mundo está indo, pois a aceleração tem sido forte e o risco de ficar desorientado é alto.

O desafio é ouvir e surpreender-se com novas necessidades e exigências que não conhecíamos, dar passos em frente rumo a inovações que não teríamos sido capazes de prever. O maior risco é reduzir todo o desconforto que observamos a algo que pode ser resolvido com novas práticas organizacionais e novas soluções gerenciais. Mas tudo isto, mesmo as melhores ferramentas que podemos pôr em prática (e que teremos de pôr em prática!) nunca poderão ser uma resposta à questão, que as pessoas estão se fazendo (cada vez mais), do significado de seu trabalho.

\* Trecho da exposição feita na mesa-redonda “O contexto atual do trabalho”, do 11º FÓRUM NACIONAL DA COMPANHIA DAS OBRAS (Cdo): “O sentido do trabalho” (São Paulo, 2023)

\*\* Presidente da Fondazione ADAPT e pesquisador da Universidade de Modena e Reggio Emilia. Doutor em Educação Pessoal e Mercado de Trabalho. Pesquisador visitante na Universidade Católica da América, na Escola de Relações Industriais e Trabalhistas da Universidade Cornell e na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos.

# As organizações, o trabalho, o diálogo e o encontro\*

Francesco Liuzzi\*\*

Na vida, frequentemente me sinto atraído e convidado por relações que me fascinam e que tomam, então, a forma de tarefas que, se atendidas com cuidado, desenvolvem a relação e, se evitadas, a esvaziam. Apaixonar-se, casar e constituir família são o exemplo mais claro dessa dinâmica; mas o mesmo poderia ser dito de todo o “apaixonar-se” pelo qual minha vida é habitada e animada.

Por outro lado, há casos em que sou convocado por uma tarefa, por algo a ser feito para que as necessidades básicas sejam satisfeitas. “Trabalho” em sentido estrito, a profissão, as tarefas que o “emprego” obriga. Mas, neste caso, acontece que essas tarefas – para não serem a condenação a uma experiência de “prisão” que só espera os momentos em que se pode suspendê-la – me chamam para um relacionamento, ganham sentido em um relacionamento. De quem vem essa tarefa? O que você precisa? Com quem posso ou devo fazer isso? Como aquela pessoa que é mais competente do que eu ou que tem um ponto de vista diferente do meu faria isso?

Em suma, minha vida parece ser descrita por essa tendência um tanto quanto circular entre situações em que um relacionamento interessante me traz tarefas, e outras em que algumas tarefas que tenho que (ou quero) fazer, me levam – por assim dizer – aos braços de um relacionamento. Trabalho e relacionamentos, então. Pão e amor, diria o bom e velho Freud.

**O local de trabalho pode ser fascinante.** Sou consultor de treinamento e desenvolvimento organizacional e, por isso, passo meus dias em organizações, entre as pessoas que trabalham juntas, engajadas em treinamentos, gestão de mudanças, projetos de *coaching*. Sou “apaixonado” por empresas, organizações e acho que elas não são os lugares banais ou “práticos” que muitas vezes nos dizem, mas lugares densos, dramáticos, humanamente vibrantes com histórias, paixões, perguntas.

Na realidade destes tempos absurdos e fascinantes que vivemos, por meio das fraturas que somos convidados a olhar sem fugir à dor e ao medo, nesta cultura em que parece que nos perguntamos se não seria possível deixar de trabalhar... O trabalho nos convida a uma experiência que precisamos viver. A experiência pela qual o engajamento com a realidade, muitas vezes árido e necessário, flui e ganha sentido a partir de uma relação em que descubro meu “eu” ao acolher um “você”.

**Diálogo e desejo.** Então, interessa-nos aquela forma particular de conversa que chamamos de diálogo, quando a conversa se torna o evento de um encontro real que muda a



Reprodução da obra Detroit Industry Murals de Diego Rivera

*Não nos faltam problemas e desafios no mundo do trabalho. Enfrentamos frequentemente questões estruturais que transcendem à vontade e ao esforço de cada um. Contudo, a postura pessoal com a qual vivemos essas situações pode fazer uma grande diferença...*

perspectiva. O diálogo não é uma predisposição genérica para ouvir o outro, mas é o método de que precisamos para que o trabalho possa ser verdadeiramente intersubjetivo e relacional; é a aceitação da diversidade do outro como dom. Não para “concordar”, mas para descobrir, por meio do outro, muitas coisas que acreditava já conhecer. Saber dialogar, perguntar as nossas necessidades e ouvir as do outro, nos permite realmente descobrir e vivenciar o trabalho como uma oportunidade imperdível.

Segundo o filósofo Martin Buber, existem duas formas de lidar com outra pessoa. A que ele chama de “eu/isso”, em que o outro é confrontado com base no que eu já sei, onde procuro prever suas palavras e ações para poder de alguma forma “administrá-lo”; ou a relação “eu/tu”, em que realmente acolho o outro, o escuto verdadeiramente.

Neste segundo caso, o diálogo acontece. O outro é uma oportunidade para sairmos da “bolha”, da “câmara de eco” em que só ouvimos a nossa voz. Mas não devemos esconder de nós mesmos que essa experiência requer uma disposição para enfrentar uma certa “dor”, uma certa “mortificação” em que renunciamos a definir o outro de acordo com nosso ponto de vista. Mas se deixarmos isso acontecer, podemos realmente “conhecer” alguém (a vida é real quando é um encontro, disse Buber). E podemos descobrir mais sobre quem somos

e – juntos uns com os outros – criar algo novo e inovador. Podemos receber e dar o que todos nós, mesmo na vida organizacional, precisamos: reconhecimento. Não tanto no sentido de “gratificação”, mas verdadeiramente de “reconhecimento”. Ouvir o outro me permite ouvir melhor a minha própria voz, entender melhor o meu ponto de vista, descobrir o meu desejo.

A vida nas organizações e o trabalho são realmente uma oportunidade de descobrir quem eu sou. Mas essa oportunidade não depende tanto do “poder” do sujeito, mas da possibilidade de conhecer uma relação, para onde olhar e ser olhado. Onde ouvir uma pergunta e poder formular outra. Onde descobrir, graças ao encontro com a diversidade do outro, o meu desejo. O sujeito torna-se protagonista se passar da lógica da “necessidade” para a do “desejo”. Da lógica carente, em que – justamente – estou na organização porque preciso de um emprego, de um salário e, por isso, aceito seguir orientações; à lógica desejante, em que abro novas possibilidades, aprendo, inovo, desenho, depois, gero algo novo.

Para descobrir meu desejo, para que eu não seja apenas um intérprete do desejo do outro, é necessário encontrar um tu que me reconheça, se interesse por mim, me escute, me pergunte, me queira (bem). O encontro evoca o sujeito que (então) se torna protagonista. As organizações

que praticam o diálogo (e não suas versões cosméticas) certamente se expõem a um sofrimento – o diálogo não é simples e previsível –, mas abrem espaços para envolvimento e inovação.

**Aceitar o novo.** Estamos, de fato, num momento de mudanças dramáticas. Muitos de nós experimentam que seu “papel”, o que já aprenderam, fizeram e construíram parece não interessar mais, não ser suficiente. Mas isso também aponta para uma possibilidade esplêndida e terrível – como os gregos resumiram na palavra *deinòs* (formidável). Aceitar que precisamos de encontros para que algo realmente aconteça. Se ficarmos parados, à espera de sermos “admirados” ou “ouvidos”, só nos restará testemunhar o progressivo desmoronamento diante do novo. Mas se “sairmos”, indo ao encontro, se aceitarmos a nossa vulnerabilidade, a nossa falta como recurso para perguntar e ouvir... dias interessantes nos esperam pela frente.

Se aceitarmos nos “deixar ir”, seremos capazes de ver coisas novas. A mudança é como o fundo da agulha, que era uma porta de Jerusalém (real, não metafórica), pela qual só se poderia entrar abrindo mão de algo da própria bagagem, porque era muito estreita... E, ao fazer isso, podemos entrar em um espaço novo e fascinante.

\* Trecho da exposição feita na mesa-redonda “O mundo precisa de sujeitos: o emergir de um rosto no ambiente de trabalho”, do 1º FÓRUM NACIONAL DA COMPANHIA DAS OBRAS (CdO): “O sentido do trabalho” (São Paulo, 2023)

\*\* Consultor de Desenvolvimento Organizacional e Coach Executivo. É licenciado em Filosofia e doutor em Ciências do Trabalho. Concluiu sua formação com Ariele, Tavistock Institute, National Training Laboratory, iGOLD (International Gestalt Organization & Leadership Development) e ROG (Relational Organizational Gestalt). Professor de Gestão de Mudanças na Universidade de Milão, Itália.

# O trabalho e as estrelas\*

Enrico Misasi\*\*

Na carta encíclica *Laborem exercens* (LE 9), São João Paulo II identifica, nos dois primeiros capítulos do Livro do Gênesis (1, 28; 2, 15), no chamado ao domínio e ao cuidado com a criação, a vocação natural do ser humano ao trabalho. O homem não foi criado para o ócio contemplativo. Contudo, adveio a queda e essa dimensão fundamental, embora não abolida, foi brutalmente afetada, e o autor do Gênesis é explícito a esse respeito: “[...] maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias. Ela te produzirá espinhos e abrolhos; e comerás das ervas do campo. Do suor do teu rosto, comerás o teu pão” (Gn 3, 17-19).

**O que tem a ver com as estrelas?** O pecado original, então, afetou a relação do homem com o trabalho, inserindo em seu âmago uma fadiga, um “suor”. É o que se extrai do Gênesis e da experiência de todos nós. Mas por quê? O que há no trabalho do homem após a queda que gera nele esse cansaço?

Vem-me à mente uma passagem da vida de Dom Luigi Giussani (1922 – 2005). À noite, um casal de namorados se abraçava carinhosamente. Ao vê-lo passar, os dois se afastaram em um misto de susto e pudor. O sacerdote perguntou, para constrangimento do casalzinho, se havia algo de errado no que estavam fazendo e, se não, por que é que haviam se afastado. Depois, vendo o céu estrelado, perguntou-lhes: “Isso que vocês estão fazendo [abraçando-se], *cosa c’entra con le stelle?*”. Ou seja, o que tem a ver com as estrelas desta noite? Essa pergunta era fruto da intuição de que a moralidade não é um conjunto de regras ou de proibições, mas um nexos real entre a ação do homem, aqui e agora, e a totalidade das coisas, do cosmos e, o que dá no mesmo, entre a ação do homem e o seu próprio destino.

A fadiga – mais do que a meramente física, mas aquela que é também existencial – que caracteriza o trabalho humano depois do pecado original resulta justamente da desconexão presente como possibilidade na pergunta de Giussani. “Isso que você está fazendo no escritório, na sala de aula, na fábrica, na oficina, em casa, *cosa c’entra con le stelle?*”. “Nada”, muitos respondemos, “trabalhamos porque devemos, porque precisamos de dinheiro, porque a vida é assim... Mas com o destino, o cosmos, as estrelas, nada”. A resposta negativa a essa provocação resulta inevitavelmente, pela própria constituição da natureza humana, em cansaço, perda de sentido, exaustão. Ou então, em outra face do mesmo fenômeno, em ativismo frenético, idolatria ao dinheiro, autorreferencialidade sufocante do trabalho. Na desestabilização do pecado, o trabalho tende



Reprodução da obra Noite Estrelada, de Vincent Van Gogh

**O que o nosso trabalho tem a ver com as estrelas? Quando máquinas e inteligências artificiais parecem cada vez mais capazes de fazer o trabalho humano, essa pergunta pode nos levar a uma compreensão fascinante do sentido de nosso agir.**

ao tédio e à angústia. Esse mal-estar nada mais é do que o sintoma subjetivo da redução vital que sofre o homem ao desconectar-se desse algo a que Giussani faz referência pelo símbolo das estrelas. Encaramos aqui as consequências ontológicas da queda de Adão: o esmaecimento do sujeito, a submersão do rosto, o estreitamento da pessoa. Importa compreender mais precisamente, portanto, qual é a conexão que precisa ser refeita a fim de que a pessoa restaure sua estatura humana e viva a relação com o trabalho à altura do seu chamado.

A metáfora das estrelas vai além de seu efeito poético. É no vocábulo latino “*sidera*”, estrela, que tem raiz outra palavra latina, *desiderium*, “*de-sidera*”, que deu origem ao português “desejo”. O que desejo tem a ver com as estrelas... Nada neste mundo nos satisfaz. O nosso desejo é “*de-sidera*”, é de outro mundo. Constitutivamente. Visceralmente. Assim como não há nenhum animal em crise com a própria vida, não há nenhum ser humano, por mais bem-sucedido e realizado, que esteja totalmente em paz, repousado. O desejo humano é inexaurível, é um conjunto de exigências originárias de bem, de justiça, de beleza, de amor, que não se aquietam com a posse de nenhum bem criado. Reconhecer essa “desproporção estrutural”, como diz Giussani em *O senso religioso* (São Paulo: Companhia Ilimitada, 2021), entre o nosso desejo e os vários objetos disponíveis, é o passo inicial para estabelecer uma correta perspectiva para com a vida.

Um homem será plenamente sujeito, revelará o seu rosto, trabalha-

rá como pessoa quando conectado, consciente, envolvido na dinâmica de seu próprio desejo, sem aceitar substitutivos. Isso significa encontrar em cada gesto, em cada instante, esse “ângulo aberto para o infinito”, pelo qual somos restaurados em nossa humanidade.

**Por uma personalização radical: a emersão do rosto de Cristo.** “Somos adultos”, isto é, pessoas, homens e mulheres, à altura de nossa vocação, por força da experiência que fazemos desse olhar às coisas “do único ponto exato que nos foi dado”: as estrelas, que estão sempre lá, fiéis, estáveis, exatas, e sua correspondência com nosso desejo. A partir desse ponto transcendente, olhamos as coisas “como se fosse pela última vez”, ou seja, com aquela distância que paradoxalmente nos permite possuí-las plenamente.

Esse momento passa a ser a fonte da qual brotam o nosso trabalho e os nossos relacionamentos. É o momento também que nos permite romper com o ciclo diabólico de orgulho, violência, ambição, inveja, ciúme, que revira e consome os homens desde sempre. Somos libertos da rivalidade e passamos, então, a olhar o próximo com olhos justos e livres, livres porque não mais agulhoados pela ansia de dominar ou de ser dominado, não mais com o olhar temeroso ou arrogante de quem sempre se pergunta, em presença do próximo, se ele será seu senhor ou seu servo. Está ou não está aqui a chave para redimir o ambiente do trabalho e fazer dele um local de educação do sujeito?

Essa experiência nos lança ao encontro dos outros e gera comunidades. Uma vez que a tenhamos vivido, tentaremos ver nos outros se eles já viveram um momento idêntico e, na solidariedade que então se cria, forma-se uma companhia, uma amizade. É necessário que estejamos com os outros, mantendo os olhos no momento mais alto de seus destinos. É aquilo que Giussani quer dizer quando afirma que o senso religioso, esse conjunto de exigências originárias da pessoa que a reporta ao infinito, realiza a unidade entre os homens que trabalham (cf. *O eu, o poder e as obras*. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 2001)

Aqueles que perseveram na busca pela satisfação de seu desejo tem em si aflorada a pergunta para a qual o Cristianismo é uma resposta. Essa unidade entre os homens que mantêm seu olhar para o momento mais alto de seu destino pode, pela graça da fé, virar a comunidade dos que creem no Cristo. Estaremos, então, diante da personalização mais radical que há, uma personalização que se identifica com a imersão no próprio rosto de Cristo, “porque a presença de Cristo na história, exatamente como fisionomia, perdura visivelmente como forma encontrável na unidade dos que creem” (GIUSSANI, L. *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015).

\* Trecho da exposição feita na mesa-redonda “O mundo precisa de sujeitos: o emergir de um rosto no ambiente de trabalho”, do 11º FÓRUM NACIONAL DA COMPANHIA DAS OBRAS (CdO): “O sentido do trabalho” (São Paulo, 2023)

\*\* Advogado, bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (2016), mestre em Direito Constitucional pela mesma instituição (2020) e pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019), foi deputado federal (2019-2023) e, atualmente, é Secretário-Executivo da Secretaria de Relações Institucionais da Prefeitura de São Paulo (2023 –). Co-fundador do Instituto Liberdade e Comunidade – LibCom (2016). Casado com Maria Clara e pai de dois filhos, Guido e Beatriz.